

A Necessãria Volta aos Anos de Chumbo

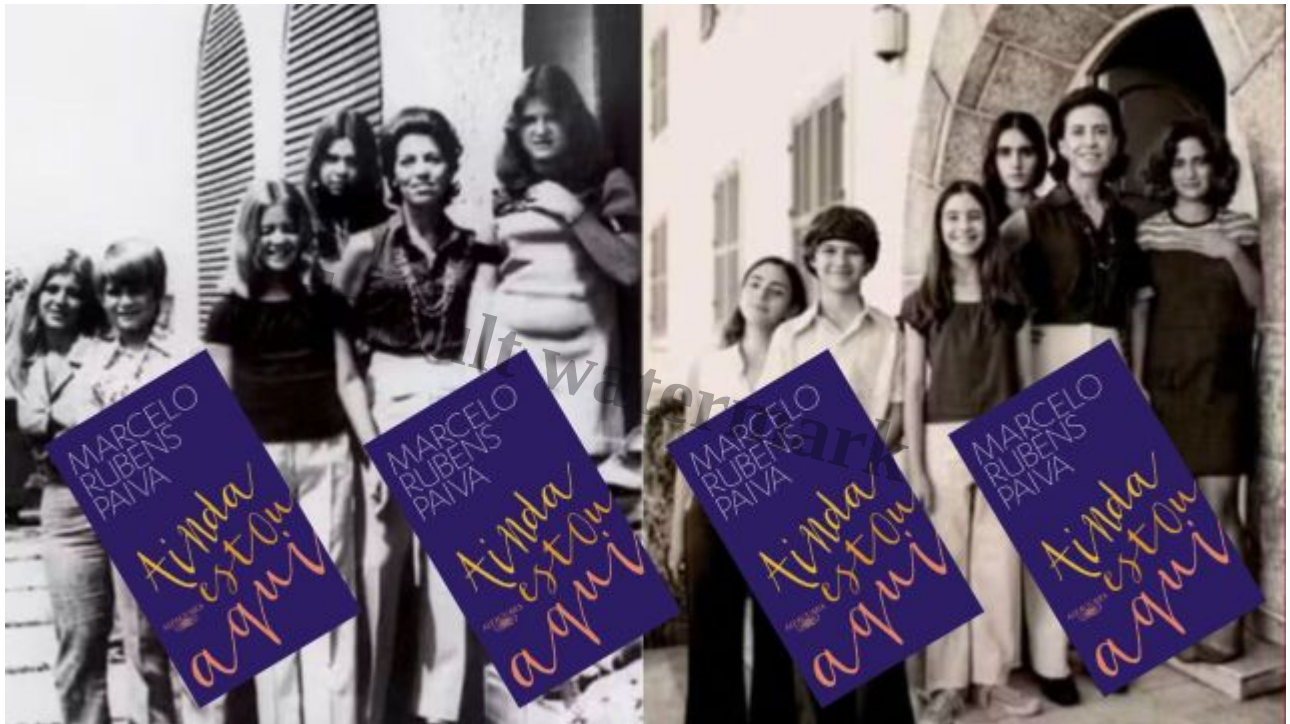
Description



Grande dormida pessoal ter de aguardar todo o *hype* sobre o filme *“Ainda Estou Aqui”*, para comprar o livro de Marcelo Rubens Paiva de 2014 e ficar maravilhado com o rebuscamento, desprovido de pose, de sua narrativa. Sem querer colocar de lado as qualidades do filme que estã fazendo com que Fernanda Torres, Walter Salles e toda sua equipe cinematogrãfica ganhem coraãšães e mentes de plateias e de jurados de premiaãšães mundo afora, ã© importante dizer que o livro tem qualidades muito particulares que acabaram nãº migrando para a tela.

Vale salientar, para os que jã viram o filme, mas desconhecem o livro, que os dois apesar de terem como ponto de partida o foco na trajetãria da mãe de Marcelo, Eunice Facciolla Paiva, e no incidente do sequestro e desaparecimento por militares brasileiros de seu pai, Rubens Paiva, tãam abordagens bem distintas, especialmente pelo tratamento dado pelo autor de romances como *“Blecaute”* e *“Malu de Bicicleta”*. ã sua obra ã um selo em sua capa adverte pertinentemente tratar-se apenas do *“livro que deu origem ao filme”*, estabelecendo certa distãncia entre os dois.

Ainda que seja uma narrativa autobiográfica, em que o interesse pelo assunto costuma se sobrepor às preocupações com o estilo, Marcelo Rubens Paiva capricha em sua escrita e entrega um texto apurado e primoroso. Para os que leram *“Feliz Ano Velho”*, outro relato autobiográfico, escrito por Marcelo quando o escritor e jornalista somava seus vinte anos, em 1980, a diferença em relação ao *“Ainda estou aqui”* de seu novo mergulho em seu passado é significativa. Imagino que muitos busquem diante de uma obra que consideram elaborada, tentar entender a partir do prazer que nos traz sua leitura como se deu a tal da arte da escrita. Para estes, deve-se destacar que estamos diante de um fino exemplar prático desta façanha, daqueles que nos arrebatam por completo.



Marcelo Rubens Paiva dá um show variado de descrições refinadas, criando até uma dicção própria como os grandes autores costumam fazer. Não há como não deixar de citar várias passagens. Muitas tratam sobre como trabalhamos com nossa memória, essa nossa companheira, que está aí a nos esclarecer sobre nossas existências e sobre como e por que vivemos. O processo é exemplificado por Marcelo tanto através da convivência com seus filhos, durante o período de crescimento e formação deles, como na maneira como o autor vê a luta de sua mãe com sua condição de paciente do mal de Alzheimer.

Há uma analogia particularmente interessante que vai e volta em seu texto surpreendendo o leitor. Ela tem sua origem em um incidente casual ocorrido com o autor. Marcelo bateu de carro próximo da rua Turiaçu. Em tupi-guarani essa palavra quer dizer *“facho grande”*. Esse *“facho de luz”* funcionava para alguns como uma fogueira que ajudava aos pescadores em seu trabalho noturno para conseguirem retornar à terra firme. Mas, segundo Marcelo, para alguém com Alzheimer, essa fogueira orientadora para os que estão no mar como que *“se apaga com o tempo”*, não permitindo que eles voltem pra casa.

Vejamos mais um trecho descritivo sobre o papel de nossa memória exemplificado com o caso de sua mãe: *“Foi advogada de ilustres e desconhecidos, foi consultora do governo federal, do Banco Mundial, da ONU. Para onde foi todo esse conhecimento?”*. Marcelo faz um paralelo com o Major

Tom, o personagem estelar de David Bowie, â??num voo Ã s cegas, na porta de sua nave, que parece uma lata fina. E que sÃ³ pode concluir: â??Planet Earth is blue, and thereÃ´s nothing I can doâ?•â?•. Pesquisemos outra passagem que me impressionou especialmente e que vai na Ãntegra: â??A memÃ³ria nÃ£o Ã© apenas uma pedra com hierÃ³glifos entalhados, uma histÃ³ria contada. MemÃ³ria lembra dunas de areia, grÃ£os que se movem, transferem-se de uma parte a outra, ganham formas diferentes, levados pelo vento. Um fato hoje pode ser relido de outra forma amanhÃ. MemÃ³ria Ã© vivaâ?•. Os *spoilers* ficam por aqui.

Pra alÃ©m dos aspectos de virtuosismo narrativo e estÃ©tico, temos a importÃ¢ncia, que o livro compartilha com o filme, de ter reavivado, os tenebrosos anos de chumbo da ditadura militar brasileira alertando a todos para o perigo de um retorno de governos de inclinaÃ§Ãµes ditatoriais. Depois de ter feito um mestrado, no inÃcio dos anos 1990, em que entrevistou pessoas que viveram os dois lados daquele momento, Marcelo esteve prÃ³ximo e participou ativamente com sua mÃe das muitas iniciativas que buscavam o esclarecimento e a reparaÃ§Ã£o de crimes cometidos durante o perÃodo ditatorial iniciado em 1964 e atÃ© mesmo antes dele.

De inÃcio acompanhando o desenrolar da ComissÃ£o de Mortos e Desaparecidos, criada por um admirador de seu pai, o presidente Fernando Henrique Cardoso, em 1996. FHC teve, no entanto, que receber um empurrÃ£o de Eunice Paiva, para seguir adiante e criar a comissÃ£o. Depois Marcelo viu o surgimento da imprescindÃvel ComissÃ£o da Verdade, no comeÃço do governo de Dilma Rousseff, que investigou mais a fundo a bandalheira militar engendrada pelos governos militares de 64. Ã? educativo, neste sentido, repassar todo o trabalho da ComissÃ£o da Verdade que se encontra disponÃvel em site da ComissÃ£o e em seu canal de divulgaÃ§Ã£o no YouTube.



O livro e o filme tiveram o papel de, ao que parece, tambÃ©m movimentar no STF o processo para condenaÃ§Ã£o dos militares vivos (e dos herdeiros descendentes dos militares jÃ falecidos que seguem recebendo pensÃµes do governo brasileiro). Entre eles, estÃ£o os militares que tiveram participaÃ§Ã£o na morte de Rubens Paiva. Processo que desde 2014, por uma suspensÃ£o

determinada pelo ministro Teori Zavascki, não anda. Ao lado disso, O busto de Rubens Paiva, em frente ao espaço aonde funcionaram as instalações do DOI-Codi, no Rio de Janeiro, lugar em que o político e engenheiro foi torturado e morto, viraram ponto de visita. O mesmo aconteceu com a estátua de metrô Rubens Paiva, em que há outro busco do pai de Marcelo. Ela fica na Pavuna, nas vizinhanças de onde Rubens Paiva passava fins de semana ajudando com seus conhecimentos de engenharia os moradores de baixa renda a construir suas casas. O próprio Marcelo, quando bem garoto, chegou a trabalhar nos mutirões que aconteciam por lá.

Category

1. Marcelo Rubens Paiva
2. Rubens Paiva

Tags

1. brasil
2. cultura
3. economia
4. literatura
5. Política

Date Created

2025/02/19

Author

kikopedrosa

default watermark